

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Proprietário da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.695

Quinta-feira, 5 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-G

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 116 e 117

Continua a apreensão de A BATALHA. O governo e as autoridades por tal processo violento querem impedir que o país saiba as verdades sobre os escândalos que diariamente enlameiam o regime.

UM GOVERNO DE COBARDES!

Não teve coragem de investir contra os grandes potentados, mas aplaudiu o crime dos Olivais, mandou cercar um punhado de aviadores, e pretende agora deportar operários inocentes! Para desagrado do país, urge que o governo caia! A sua agonia tem sido prolongada—mas há de morrer! A opinião pública é unânime na condenação das injustiças governamentais! O proletariado não consentirá que o governo pratique o seu último crime:—a deportação!

Perante um governo iníquo, o país inteiro clama: RUA! RUA! RUA!

O governo ainda não caiu, mas o governo tem de cair. Um governo como o que para aí está, constitui uma vergonha para o país que o suporta. Não levamos a nossa ingenuidade até ao ponto de acreditar na existência de governos bons. Há, entretanto, governos maus e governos péssimos. O governo que actualmente o país suporta—permítam-nos o exagério que ainda fica aquém da verdade—é o pior de que possamos.

A sua permanência no poder, não desprestigia apenas os homens que o constituem—envergonha a nação e põe em cheque o parlamento que ainda nele deposita confiança.

O governo tem o culto da asneira, e alguns dos seus membros, mais do que da asneira, têm o culto da maldade.

Tudo o país o sabe—porque A Batalha, a despeito das cotidianas e sistemáticas apreensões o disse bem alto: nos Olivais, a polícia incitada pela imprensa moçoila e por um comandante epilético, praticou um crime brutal, canibalismo e revoltante, assassinou a sangue frio operários presos e indefesos.

E o governo devia pedir imediatamente responsabilidades do crime ao comissário da polícia que o incitou; o governo, em vez de, perante a opinião pública indignada, reparar o mal que se fez, foi, pela boca do ministro do interior elogiar o atentado para o parlamento e propor condecorações e honrarias aos criminosos!

Um governo que aplaude crimes, que incita a atentados monstruosos—é o instigador e não A Batalha—

está condenado. Não pode manter-se perante a consciência colectiva que já o condenou. Tem de cair! Cairá!

O governo só tem um plano de acção; a ilegalidade, a arbitrariedade. Só tem energia contra os operários e contra os aviadores. Mas não tem energia para evitar os crimes da polícia, pondo na rua o comissário; não tem energia para obrigar a Moagem a pagar o que deve; não tem energia para acabar com a especulação bancária.

O caso da aviação é um caso típico. O ministro da guerra vem para a imprensa fazer acusações tremendas contra os aviadores, e depois não quer que eles se revoltem. Perante a atitude daqueles militares, resolve ir às do cabo; ordena o cerco, ordena o combate, o sangue, a morte.

Do outro lado os aviadores respondem-lhe com um gesto nobre: despedem os soldados, que nada têm que ver com o conflito, e ficam sós, dispostos a lutar absolutamente sósinhos.

Eles não queriam que os pobres soldados sofressem as consequências da sua rebeldia. Gestos destes, impõem moralmente quem os pratica e amesquinham o adversário.

Entretanto, o governo, atacado de cesarismo agudo, quer prender os aviadores, mortos ou vivos. Se não houver sangue é porque os sitiantes não estão dispostos, como a polícia nos Olivais, a proceder a um massacre horrível.

O governo está em cheque. Desobedecido pelas tropas sitiantes, atacado no parlamento, onde a hora a que estamos escrevendo, o ambiente lhe é hostil, é natural que hoje de manhã, quando o leitor comprar esta folha, já não exista do governo senão um cadáver.

Já ontem o disse: o governo está na agonia, na agonia prolongada de quem praticou sobre a terra muito crime e muita infâmia.

Contra os operários prossegue na sua odiosa tarefa de perseguição. Não desistiu ainda de os deportar! Quero fazer, correcto e aumentado, um novo treze de Fevereiro! Ontem ordenou que não fosse permitido aos operários presos na Trafaria receberem visitas. As famílias que lá foram no intuito de visitar os seus entes queridos, não puderam entrar.

Isto é brutal. Esta ordem iníqua só revela malvadez. O governo está provocando a desordem e se não cai a tempo—temos desordem!

Essa ordem brutal foi recebida pelos presos com indignação indescrevível. Os operários ali enclausurados, revoltaram-se, foram para onde o governo os impeliu com a sua injustiça—foram para rebelião!

Clamaram, e com razão, que os queriam deportar sem ao menos lhes ser dado despedirem-se de suas famílias.

A revolta, segundo notícias oficiais, foi prontamente reprimida. Como? Pela violência, certamente ordenada pelo governo.

O proletariado assiste enervado a todos estes acontecimentos. O proletariado tem bem nítida a ideia de Justiça. Por isso ele sabe que um governo que obedeça às insinuações da Moagem, é um governo condenado; um governo que rasteja perante os banqueiros que lhe batem o pé, é um governo que atraiça ignobilmente o país; um governo que sanciona actos aviltantes como o dos Olivais, cobre-se de lama; um governo, que manda avançar tropas contra desastres aviadores, contra um punhado de homens, é cobarde; um governo, que saltando sobre todas as normas de justiça, sem ao menos simular um julgamento, quer deportar operários, é um governo criminoso!

O proletariado não consentirá que de Lisboa saia para a África um único operário!

O proletariado saberá exigir oportunamente a liberdade dos operários que, sem culpa formada, jazem no fundo lóbrego das enxovias!

O proletariado é, perante as grandes companhias, os bancos, a lavoura, as associações industriais e comerciais, que aplaudiram o atentado da Sentieira e roubam o país, a única força moral que só governos que atraiçam os interesses da nação, desatendem!

O proletariado tem por seu lado a razão e a honestidade. O governo tem a ignomínia e o crime.

O proletariado lutando pela liberdade dos seus presos; o operariado opondo-se a que se deportem inocentes para a África tem de vencer. O governo tem de cair!

A deportação de operários

Estar inocente é um crime que só se redime com o degredo na costa de África

O governo, na sua violenta e injusta repressão sobre o operariado, excede-se de tal modo, que criou em seu próprio seio, o vácuo. Os políticos de quem o Sr. Sá Cardoso esperava receber uma assistência favorável à deportação de operários, mantiveram-se frios e silenciosos. O Sr. Sá Cardoso bem se enganou no parlamento em falar da ordem ameaçada, agitando o espectro de coisas terríveis que só existiam na sua cabeça, mas os políticos fizeram-se de novas, e não deram aqueles aneddotas calorosos que são da praxe nestes casos.

Mesmo entre o governo nem todos os ministros são partidários de semelhante atrocidade.

Informações que recebemos de fonte fidedigna habilitam-nos a afirmar que o ministro da justiça o dr. sr. José Domingues dos Santos é manifestamente contrário à deportação.

É um absurdo o sidonismo reviver com o apoio dum partido que esteve em guerra franca com o consulado de Sidónio Pais. Se bem que os absurdos não existem em política quando se trata de perseguir trabalhadores, não é impunemente, sem o protesto da consciência colectiva do país que se arrojam para as plagas africanas, operários que não infringiram nenhuma das numerosas leis da emaranhada teia legal da república.

Os operários não praticaram nenhum delito; não têm culpa formada; não foram julgados; sobre eles não impende nenhuma acusação concreta.

Só há uma única coisa a apontar aos presos: a sua qualidade de operários. Isto agora o governo ainda não foi capaz de lhes formular uma acusação definida. Essa incapacidade governamental em acusar é a melhor e a mais clara confissão da inocência dos presos.

São deportados por estarem inocentes. Então a inocência é crime—é crime que tem por punição o degredo? O delito sem julgamento, fora das leis, não é capucha, num golpe de surpresa.

Se o governo temar nesta resolução temos de constatar que num regime de democracia os milhares de sacas de farinha da Moagem mandam contra a morte, a opinião e a sensibilidade de toda a população!

Um protesto dos presos

Ontem, no forte da Trafaria, os presos não tiveram visitas. Esta proibição é uma desumanidade produzida entre eles grande e justa indignação.

O protesto rebentou em uníssono, espontâneo.

O exaspero revoltado dos presos foi todo o ponto legítimo. Dir-se-ia que o governo se esforça em atear o mal-estar na sociedade, pois são insistentes as provocações que ele tem feito, sem justificação alguma, causando assim justos protestos.

Em liberdade

Foram ontem postos em liberdade Teodoro da Trindade, Joaquim Carlos, José Rodrigues de Almeida e José Gonçalves.

Hoje devem ser postos em liberdade mais três operários, entre os quais

A semana camoneana

O programa das festas que, promovidas pela comissão nomeada pelo governo para consagração de Luís de Camões, se realizam até ao dia 10 inclusive, é o seguinte:

Hoje, amanhã e depois «matinées», às 15 horas, respectivamente no Coliseu dos Recreios, Teatro Nacional e Teatro de São Carlos.

Dia 8, Festa Náutica às 13 horas na muralha da Junqueira e «matinées» no Apolo. Dia 9, paradas e exercícios físicos às 17 horas no Stadium e «matinées» no Eden. Dia 10, cortejo que desfilará às 10 horas nos Paços do Conselho, futebol às 17 horas no Stadium e recita Nacional, às 21 horas.

A «matinée» no Coliseu dos Recreios

Hoje às 15 horas, no Coliseu dos Recreios realiza-se uma «matinée» pública e gratuita, que abrirá por uma conferência do académico Rodrigo Sá Nogueira sobre Camões e a sua obra.

Em seguida o Orfeão Académico de Lisboa cantará vários números do seu repertório.

Depois de recitativos e canções por vários artistas, dará um concerto a banda da Guarda Republicana.

A «matinée» no Nacional

Amanhã, 14 horas, no teatro Nacional realiza-se uma «matinée» gratuita, comemorativa do 4.º centário de Camões, representando-se a peça histórica O Crime de Arronches, original de Henrique Lopes de Mendonça.

CONFERENCIAS

«A economia política depois da grande guerra»

Realiza-se hoje às 21 horas, na sede da Associação de Classe dos Empregados de Escritório, rua da Maratona, 225, 1.º, a segunda conferência do interessante curso «A economia política depois da grande guerra» pelo dr. sr. Carlos de Moura. A direcção daquele sindicato convida todos os empregados de escritório a assistirem à conferência.

S. U. da Construção Civil

NOTA OFICIAL

Tendo chegado ao seu conhecimento de que o engenheiro Francisco Moreira de Sá, com escritório na rua 31 de Janeiro, 109, tem contratado operários para as obras, em cimento armado que, por sua conta, estão sendo feitas no lugar do Covilhão—Duro—oferecendo-lhes, além de bons salários, comida e lavagem gratuita da roupa, este sindicato previne o proletariado da construção civil de que não deve aceitar o contrato por não passar dum embuste, como passa a demonstrar:

Muitos operários contratados para as referidas obras por 19 e 20 escudos diários ao pegarem ao trabalho foram forçados a aceitar o regime de 12 e mais horas sob a ameaça de lhes serem reduzidos os salários para 8 e 10 escudos.

A cama não passa dum tóxico modelado sem qualquer espécie de agasalho e os operários se recusam a trabalhar em tais penosas condições. Têm de voltar para as suas terras a pé ou pagando a viagem à sua custa.

Pórtio: 3-6 924.

A Comissão Administrativa.

Os aviadores contra o governo

Os oficiais aviadores afastaram os soldados para os não envolver no conflito e o ministro da guerra entendeu-os em Caxias

O conflito dos aviadores com o sr. Américo Olavo, ministro da guerra, nada perdeu ainda do seu aspecto grave, tendo-se arrastado todo o dia de ontem sem solução. O malogro de todas as tentativas conciliatórias, uma das quais do dr. António José de Almeida, indica a disposição em que estão os aviadores de se não entregarem, a não ser que o sr. Américo Olavo se demita. Mas o sr. Olavo não se demitiu, o ministério em péso solidorizou-se com ele, e o parlamento ontem não quiz, por parte da maioria democrática derrubá-lo.

Às três horas da madrugada de ontem, saíram dos quartéis, a fim de formarem uma coluna de ataque, sob o comando do coronel Bivar de Sousa os regimentos de infantaria 1 e 2, duas companhias de telegrafistas de campanha, artilharia 3, metralhadoras de Lisboa e Mafra, uma secção da companhia de telegrafia sem fios e forças de outras unidades.

Ao todo, 3.000 homens.

A coluna avançou pela Ajuda, estrada de Carnaxide, em direcção a Queluz, onde tomou posições.

Durante a manhã, foram colocadas nas estradas onde acamparam as forças militares, postes telefónicos e telegráficos.

A entrada de Queluz foi montado o hospital de sangue, com a respectiva ambulância e dois automóveis-marcas, com seus compartimentos e cada um.

Às 9 horas da manhã, um delegado dos aviadores, conferenciou com o general comandante da 1.ª divisão, afirmando-lhe que os seus camaradas continuavam absolutamente dispostos a não se entregarem a prisão.

O mesmo oficial declarou que os seus camaradas tinham dispensado os soldados que se encontravam no campo sob as suas ordens, para assumirem a inteira responsabilidade do seu acto, sem sacrificar os seus subordinados.

Os soldados compareceram no Campo Entrincheirado, seguindo depois para o forte de Caxias sob prisão.

Esta medida é absurda. Os soldados obedeceram até ao fim aos seus superiores estando, portanto, dentro da chamada disciplina militar. Que direito, mesmo sob o ponto de vista militar assiste ao sr. ministro da guerra para os manter encarcerados?

Mas, como o sr. Américo Olavo fez o que lhe apetece os soldados lá estão em Caxias, sob prisão.

Às 10 horas da manhã, depois do rancho, foi estabelecido um serviço de segurança, para o caso de ser necessário iniciar o ataque ao campo de Amadora.

Às 11 horas reuniram no quartel geral da Ajuda, sob a presidência do chefe do governo o ministro da guerra, o coronel Moraes Sarmento o comandante do regimento de telegrafistas de campanha e general Roberto Baptista. Nessa reunião que durou cerca de meia hora foi deliberado que as tropas apertassem o cerco em torno da Amadora.

O sr. Américo Maria da Silva andou num rodopio do ministro da guerra para os aviadores a ver se conseguia

A U. S. O. de Lisboa

protesta contra as recentes iniquidades das autoridades e louva a atitude desassombrada de A BATALHA

Reuniu ontem o conselho de delegados para se ocupar dos últimos acontecimentos.

Na reunião que foi largamente concorrida, depois de ter sido nomeado secretário geral interino Gonçalves Vidal e terem sido aceites delegados dos confederados, foi aprovado o parecer que abaixo publicamos, tendo-se a ele referido com a maior energia todos os delegados dando-lhe o seu inteiro apoio.

Foi aprovado o seguinte:

Parecer da Comissão Administrativa ao conselho de delegados:

Camaradas: Atravessa-se actualmente um período de perseguição e repressão só comparável ao dos últimos anos de monarquia. E se tivermos em conta a natural evolução histórica que fatalmente devia suceder à mudança de regime passa-se de se observar no espírito dos dirigentes da sociedade portuguesa uma tal obsessão que prova indubitavelmente a degenerescência do poder evolutivo e valor dinâmico do Estado pelo que o princípio constitucionalista democrático decal em face do domínio da força.

Esta situação não se concilia de modo algum com os interesses do povo nem sequer com os mais rudimentares princípios do direito social.

Ao passo que os aventureiros do comércio e da finança se desenvolvem em força e em número, causando a ruína do país e a corrupção do pouco valor moral que ainda exista, nas diversas classes, vai o povo perdendo terreno, no campo da economia, cada vez mais sufocado pela brutal golliha que os abutres lhe apertam.

E enquanto isto sucede o parlamento da República portuguesa, que deveria manter o equilíbrio entre as diversas forças do país, quando já não quizesse olhar abertamente a miséria popular e decretar as mais rigorosas medidas para debelá-la, o que não era impossível nem difícil, prostra-se de cócoras em frente do Bruto endinheirado, calcando afrontosamente a carta outorgada em 5 de Outubro e dando a mais vergonhosa e parva impressão da sua nulidade moral e política.

Mas não estavam ainda satisfeitos os plutocratas. Era preciso mais e mais roubar o povo e enxovalhar a nação. A crítica e a resistência oposta pela classe operária, aliás lícita e justa, incomodava-os, se bem que não fizesse derivar inteiramente as suas ambições.

Era preciso eliminar de todo esse estorvo, escarnecendo impudicamente do significado grandioso da rotunda e de Monsanto, onde o pendão da liberdade foi desfraldado pelos párias de sempre.

Nada mais fácil, nada mais prático: destruí-los, deportá-los, eis a solução! Pois bem. Essa infâmia, esse crime, essa monstruosa canalhice não atingirá apenas três ou quatro dezenas de homens, de cidadãos, de gente honrada, que não traz a casaca abalanhada dos gárgulos de primeiro plano, atingirá também milhares e milhares de almas, neste momento vibrando com eles, unidos na mesma aspiração, ligados pela solidariedade indissolúvel do trabalho e do sofrimento.

Nessa conformidade a U. S. O., como

A comissão administrativa

C. G. T.
Comité confederal
Reúne amanhã, pelas 21 horas prefissas.

Abastecimentos

Novo posto de venda de peixe

Inaugurou-se ontem, na avenida Almirante Reis, 54-A, um posto de venda de peixe, pertencente ao Comissariado dos Abastecimentos. A barraca que para o mesmo fim se encontra na rua da Liberdade vai ser mudada para o bairro Brás Simões, onde começará a funcionar dentro em poucos dias.

As requisições de trigos e farinhas

O Comissariado dos Abastecimentos resolveu que, a partir de hoje, só fossem recebidas até às 13 horas as requisições para trigos e farinhas, devendo as mesmas requisições serem enviadas até às 15 horas.

POR MELHOR SALARIO

OPERARIOS CORTICEIROS

U luta prossegue com entusiasmo e a solidariedade aos grevistas já se vai manifestando duma maneira consoladora

As comunicações que chegam da provincia sobre a greve dos operários corticeiros, são o mais satisfactorias possíveis. Pelas notas que temos publicado e as que hoje reproduzimos, vê-se que os operários corticeiros estão dispostos a lutar não olhando a sacrificios.

A maneira carinhosa como a solidariedade se está desenvolvendo também demonstra que os corticeiros não estão só. Toda a gente reconhece a razão da sua causa justa.

As comunicações que nos chegam de Aldega, Alhos Vedros, Almada, Barreiro, Belem, Moita, Póvo do Bispo e Seixal mais uma vez demonstram a coesão da classe nestas localidades, e não esta que será mantida a custa dos maiores sacrificios, apesar de há 36 dias já durar o movimento.

Nas localidades apontadas vão realizar-se comícios dentro de breves dias para a classe esclarecer o publico das razões que a levaram a declarar a greve.

Castelo Branco

Foi gorado o plano do industrial CASTELO BRANCO, 3.—Continua no mesmo estado a greve dos operários corticeiros.

Ontem correu o boato de que a greve seria furada hoje e, efectivamente, não fosse a vigilância dos grevistas, teriamos a lamentar esse facto porque alguma coisa de grave se tramou na sombra, a fim de se aniquilar o belo movimento que se mantém há 34 dias. O industrial Burgos, criatura conhecida da classe corticeira do país como explorador celebre e inimigo da organização operária, mandou chamar ao seu escritório alguns operários dos poucos que, (visto que naquela roça não podem trabalhar operários conscientes) convidando-os a irem hoje preparar as caldeiras e em seguida pôrem a prensa das aparas a trabalhar para que no dia seguinte a fábrica abrisse para todo o pessoal, oferecendo-lhes todas as garantias, tanto de comida como soldados da guarda para os acompanhar a suas casas.

Tem este senhor também dentro da roça maldita, que tantas horas amarguradas tem causado aos infelizes que ali trabalham, um bando de lacaios, destacados destes um tal João Gonçalves, conhecido pelo Bortal, a quem paga bem e por isso se presta a todos os papéis, ainda os mais repugnantes, como sejam os de traidor aos seus camaradas. Este laçao é traidor duma causa onde estão envolvidos 50.000 pessoas, que é já conhecido no Povo do Bispo por algumas proezas como as que aqui tem cometido, deu-se, ontem, ao ridiculo papel de andar convidando oito mulheiras para irem amanhã para a fábrica, dizendo-lhes, que entrando essas oito entraria depois o restante pessoal e o sr. Burgos daria depois o aumento que entendesse.

Este boato em breve se espalhou pela cidade e alarmou um tanto os grevistas que se encontram dispostos a todos os sacrificios para levarem a por diante o seu movimento, e a noute reuniram afim de tomarem as devidas providencias. Na reunião falaram diversos camaradas, condemnando todos com energicos protestos o procedimento baixo deste e outros lacaios ainda por conhecer que ao serviço do industrial Burgos tentam lançar na miséria cerca de 700 operários que lutam por mais pão para si e suas famílias, e nomearam-se comissões para irem avisar-se com os operários indignados para irem trabalhar a fim de lhes fazerem ver o crime que iam cometer, tanto para eles como para os seus camaradas de sofrimento.

A reunião terminou muito agitada, ouvindo-se os mais energicos protestos tanto de homens como de mulheres, tendo todos palavras de incentivo para que a greve prosseguisse; e de protesto contra os traidores.

Felizmente hoje podemos constatar que nem uma só pessoa entrou na fábrica, ficando gorado o plano do industrial Burgos.

Este sindicato declara que recebera para auxilio aos grevistas as seguintes quantias: 100\$00 de uma quete em Alcanes e 100\$00 dos corticeiros do Rocio de Abrantes, e lamenta que o operário de Castelo Branco até hoje ainda não tenha dado o mais insignificante sinal de solidariedade para com os grevistas.

Evora

EVORA, 3.—Reuniu a classe corticeira em assembleia geral para apreciar o estado do movimento, protestando energicamente contra a resposta dos industriais, tentando ludibriar-nos, com falsos promettimentos.

Resolveu dar todo o apoio à Federação, sendo todos os corticeiros desta localidade e anexas, unânimes, em não retomar o trabalho sem comunicação previa da Federação.

Lavra entre a classe a maior indignação contra o procedimento do cabo de policia n.º 8, Norberto Ferreira da Silva (ex-corticeiro), que sendo o aprenhorador de A Batalha, tem o descaimento de, ao praticar tal acto, trazer na mão os exemplares apreendidos para escarnecer dos operários corticeiros.

Mas apesar-disso, A Batalha tem sido lida pelas classes trabalhadoras. Começa a manifestar-se a solidariedade das outras classes recebendo filhos dos grevistas, sendo já distribuidas algumas crianças a Pessanha Mendonça, ferroviário; António Tomás, ferroviário, António Pereira, comerciante; José dos Santos, ferrador.

Portimão

Uma grande manifestação à chegada dos filhos dos grevistas de Silves

PORTIMÃO, 2.—Ontem chegaram a esta villa, vindas de Silves, 8 crianças filhas das camaradas corticeiras, que se encontram em greve. Eram 12 e meia horas quando o comboio chegou à gare, achando-se presentes os estandartes da construção civil e dos estivadores, irrompendo a multidão dos vivos aos filhos dos grevistas, a classe operária, C. O. T., A Batalha, etc., etc.

Organizou-se um cortejo para o sindicato dos frigateiros, onde se realizou uma importante sessão de propaganda. Manuel Pedro, dos frigateiros, convidou a presidir Domingos Passarinho,

representante dos corticeiros de Silves, que se fez secretariar por João do Nascimento, dos metalúrgicos e José Mateus, dos chauffeurs marítimos. Explicou o presidente o significado da sessão, convidando a fazer uso da palavra José Vieira, dos corticeiros de Silves, que saudou o povo trabalhador de Portimão, em nome dos corticeiros de Silves. Em breves palavras condena o estado actual. Relata minuciosamente o que é o movimento corticeiro, afirmando que os operários corticeiros saberão cumprir com o seu dever. João Gonçalves Pires, dos estivadores, duma maneira geral faz ver o que é o sindicato, qual a sua função no presente e no futuro. Tem palavras de sentida revolta contra esta sociedade, fazendo um apelo para que todos se organizem sindicalmente.

José Passarinho, corticeiro de Silves, ataca energicamente os detentores de todas as riquezas sociais, salientando as causas principais do mal estar em que vive todo aquele que produz. Com palavras de revolta, faz o contraste entre o palácio do rico, onde tudo é conforto e a choupana do pobre, que sendo quem todo produz, só habita a miséria. Termina, condenando acremente esta sociedade podre, fazendo votos para que a sociedade onde os homens vivam em plena paz, se aproxime o mais breve possível.

Joaquim Rodrigues, corticeiro, ataca os industriais pela maneira pouco leal como têm tratado a solução do conflito pois que, vendo que da parte dos operários corticeiros existe a justiça das suas reclamações, não a querem reconhecer, oferecendo a miséria de 10 oitavo que nas circunstâncias actuais nada vem minorar.

Para confirmar as suas considerações, vai buscar uma das crianças que se encontram presentes, mostrando à assembleia, pergunta se ao pai daquela, que descalça e esfarrapada se encontrava, assistia ou não o direito à vida.

Explicou-se em considerações sobre o movimento sindical; tendo sempre palavras de censura para todos os exploradores do povo, e de carinho para todos os que sofrem.

Franqueira, dos ferroviários da S. S. historia o que têm sido os movimentos sindicais dos ferroviários, citando o movimento de Setembro, movimento este que veio dar uma grande força moral à classe ferroviária.

Cita factos de verdadeira abnegação a causa sindicalista. Diz que a sua classe espiritualmente está ao lado de todos os oprimidos.

Incita todos os presentes a que se mantenham firmes na luta travada contra o capitalismo, nomeadamente os corticeiros, pois estes de momento, têm guerra declarada contra o inimigo.

Domingos Passarinho explica duma maneira geral o que desde o principio tem sido o movimento corticeiro, incita a que todos prossigam firmes na luta travada. Faz a apologia dos sindicatos, pedindo que todos neles ingressem.

Não havendo mais oradores inscritos foi encerrada a sessão no meio de vivas a C. O. T., Batalha, presos por questões sociais, A. I. T., a solidariedade operária, etc., etc. No fim inscreveram-se novos camaradas para tomarem conta de mais crianças necessitadas.

Pelos camaradas metalúrgicos, foram tiradas quetes nas oficinas e fábricas a favor das camaradas corticeiras, cujo produto atingiu a soma de 89\$60, que já foram entregues a algumas camaradas.

Oxalá que todos os camaradas seguissem o exemplo dos metalúrgicos, abrindo quetes nas fábricas e oficinas em prol dos grevistas.

No sábado foi A Batalha apreendida. Seria ordem de Lisboa, ou seria o sr. Dias que, na sua tanchaz de espirito, emburrou com o modo activo como este jornal relata as roubeiras que dia a dia se vão fazendo?...

O que sabemos é que foi dada ordem para que fosse arrancada das mãos de quem a lia, e essa ordem sabemos ter sido dada pelo sr. retralista.

Sabemos também que este sr. emburra quando ouve apregoar o jornal.

Messines

MESSINES, 3.—Reuniram os operários corticeiros para apreciar o movimento. A classe, que esteve na sua totalidade reunida, deliberou não retomar o trabalho sem que a sua Federação o determinasse. Notou-se um entusiasmo extraordinário na continuação da luta, pois, apesar de reinar a fome, os operários encontram-se animados a prosseguir na luta até vitória completa.

A reunião terminou com vivas à greve geral.

Silves

SILVES, 3.—Com um grande entusiasmo, continua a greve dos operários corticeiros nesta localidade.

Seguiram para Portimão no domingo oito crianças que ficaram a cargo de João Nascimento, Mário Marques, Manuel Eloi, José Rita, Manuel da Silva, José Salvador, José Lino e Manuel Pedro.

Resolveiram os camaradas de Portimão albergar mais crianças e auxiliar moral e materialmente os corticeiros. Para Olhão também vão partir algumas crianças e em Silves vários camaradas tem tomado conta de outras.

Na reunião do Sindicato único da Construção Civil foi apreciada a greve dos corticeiros, deliberando-se prestar-lhes auxilio material, tomando já conta de crianças os camaradas António Ramos, Matias Gonçalves e Gregório Correia.

Os operários corticeiros estão dispostos a lutar até que a sua Federação o indique.

NOTA DA COMISSÃO DE DEMARCHES

Esta comissão notifica a toda a classe que reúnem ontem novamente os industriais, na Secção de Cortiças da Associação L. Portuguesa. Deviam estes ter apreciado o ultimo officio que a nossa Federação lhe enviou. Até á hora que esta nota foi feita, ainda não receberam a Federação o comunicado das resoluções dos industriais.

Camaradas! Será desta vez que os detentores da industria corticeira reconheceram a justiça das suas vítimas?

São Carlos

— Telefone O. 3063 —

A'MANHÃ—Festa artistica

de ERICO BRAGA

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da peça em 3 actos de BERNSTEIN

tradução de

Horta e Costa e Mouton Osório

DEPOIS DE MIM...

(APRÉS MOI...)

interpretando os principais papéis

LUCILIA SIMÕES e o festejo

Escenografia de António Pinheiro. As

«toilettes» de Lucilia Simões foram ex-

pressamente confeccionadas nos ateli-

eres de madame Demetria de Castro

Pereira. Scenários novos de Luz & Al-

meida e Campos & Oliveira. Nos in-

tervallos sexteto sob a direcção de

Rene Bobet.

BILHETES A VENDA —

Teatro APOLO

— HOJE —

às 9,30 da noite

a inconfundível comédia

em 4 actos

O

Comissário de Policia

Notável interpretação da actriz

empresaria

MARIA MATOS

Se não fôr, terá a classe que lutar até

que seja reconhecida, custe o que custar, até a quem doer.

Avante, pois, pelas nossas reclama-

ções.

Viva a Solidariedade Operária! — A

Comissão de «demarches».

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Faz hoje 36 dias que o

nosso movimento se iniciou, e todavia a

firmeza e unidade de vistas entre a clas-

se mantém-se inflexível, o que este comi-

tê constata com júbilo. Vendo que não

podemos desmanchar a nossa união, os

nossos inimigos servem-se da calúnia

para desmoralizar, julgando dessa forma

consequir o seu jussulico objectivo.

Assim, no Século de ontem, vinha um

artigo sobre o nosso movimento em que

o articulista, depois de dar uma no cravo

outra na ferradura, pretendia atribuir-nos

a culpa do prolongamento

do conflito, quando toda a gente sa-

be—menos o articulista—que a Federa-

ção Corticeira, logo no começo da greve,

pôz à disposição dos industriais uma

comissão sua, com plenos poderes para

solucionar a greve, cuja comissão só

uma vez logrou ser recebida por outros

dos industriais, os quais não deram a

sua comissão os poderes necessários

para transigir, além dos miseráveis e já

celebres 10%, devendo-se talvez a essa

circunstância o prolongamento do mo-

vimento. Prova-se, portanto, que se a

nossa greve não foi já resolvida, isso se

deve, exclusivamente, à sistemática in-

reductibilidade em que certo número de

industriais se collocou, instigado pela

verbosa oratória dum conhecido in-

dustrial.

Corticeiros de todo o país: O comi-

tê exorta-vos a enfrentar com altivez o

sacrificio resultante deste bello mo-

vimento, certos de que do nosso triunfo

resultará a intensificação da nossa or-

ganização e consequentemente o aper-

feiçoamento moral da classe corticeira.

Abaixo a calúnia! Viva A Batalha!

Viva a greve corticeira! Viva a Liberdade!

Mutualismo e Cooperativismo

Cooperativa dos Canteiros —

Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia

geral para entre outros importantes as-

suntos, nomear um tesoureiro e, depois

de apreciar o pedido de demissão do

ecarregado da oficina, nomear quem o

deve substituir.

Federação Nacional das Cooper-

ativas. — Hoje, pelas 20 horas e

meia, reúne a Assembleia Geral desta

Federação na Associação de Classe dos

Chauffeurs, largo de São Domingos, no

edifício do antigo Quartel General (pa-

lácio dos condes de Almada) para a

continuação da discussão e votação da

reforma dos seus estatutos.

NA ALBANIA

Os nacionalistas triunfantes

ROMA, 4.—Tirana foi tomada pelas

tropas que combatem o governo alba-

nês comandadas por Rezed Schajla. As

forças governamentais tiveram centenas

de baixas. Rezed Schajla domina agora

todos os pontos importantes do país,

tendo guarnições que lhes são affectas

em todas as cidades do norte e do centro

da Albânia. O combate em redor

de Tirana foi encorajado e a pesar da

desmoralização que lavra entre os go-

vernamentalistas devido aos acontecimen-

tos de Scutari as tropas portaram-se valen-

temente o que valorisa ainda mais a

vitória dos rebeldes.

Trabalhadores:

LEDE «A BATALHA»

DESPORTOS

Grande parada ciclista — Tem des-

pertado grande interesse no meio ciclis-

ta a parada que a União Velocipedica

Portuguesa está organizando para o dia

10 de Junho, conjuntamente com a festa

do Comité Olímpico Português.

A União Velocipedica Portuguesa

pede para que todos os velocipedistas

sócios se vão inscrever á sua sede para

esta parada.

Devem apresentar-se com trajes ci-

clistas e medalhas se as tiverem.

LOTARIA DA MISERICORDIA

Extracção a 18 de Junho de 1924

1.º prémio

1.000.000,00 (mil contos)

2.º prémio

400.000,00 (quatrocentos contos)

Bilhetes e quadragéssimos á venda

na Tesouraria da Misericórdia.

Preço do bilhete 300 escudos, e qua-

dragéssimo 7 escudos e 50 centavos.

Comissão de 3 % aos compradores

de 5 ou mais bilhetes inteiros.

EDEN THEATRO

— Telefone N. 3800 —

— HOJE —

pela Companhia OTELO DE CARVALHO

ENORME EXITO

2.ª apresentação da Canção He-

roica, letra de Cardoso dos Santos,

música de Ray Coelho, desem-

penhada por Adalina Fernandes e

dedicada aos bravos aviadores

BRITO PAIS e SARMENTO BEIRES.

A famosa revista

.. Fruto Proibido ..

A sublevação dos aviadores

Como o caso foi tratado na camara dos deputados

Durante a chamada na camara dos

deputados nota-se grande agitação.

O sr. António Maia vai exclamando in-

dignado:

— Governo de assassinos! Governo de

assassinos! Que vitória, é esta de ter

uma guarnição militar inteira contra

17 officiaes?

E depois de larga discussão:

— O governo... o sr. Alvaro de Cas-

tro, respondeu que iria até ao fim! As-

sassinatos! São indignos de que lhes cha-

mamos portugueses! Uma guarnição

inteira contra 17 homens apenas!

E acrescenta:

— Eles não se entregam! São 17 va-

lentes. Só dali saem com honra, vivos

ou mortos.

A discussão prosseguia quente, exal-

tada, quando foi aberta a sessão anun-

ciando-se um requerimento para se tra-

tar em negocio urgente a questão dos

aviadores.

Este requerimento foi rejeitado, e o

sr. Sá Pereira, que o aprovou, grita:

— É urgente! É urgente! Estão em

perigo de morte 17 homens! Não pro-

vemos uma tragédia!

A indignação cresce e ouvem-se ex-

clamações como estas:

— Essa agora!... Então isto não é

urgente!...

— Isto é indecente!

— Só a tiro!

— É a maior das vergonhas!

Estabeleceu-se tumulto. Há ameaças

e gestos de fúria; por momentos, pare-

cem iminentes scenas de pugilato, tão

indignados estão os parlamentares opo-

sicionistas.

Os deputados da maioria, que tinham

rejeitado o requerimento do sr. Antó-

nio Maia, como fosse fazer-se uma con-

trapava, saíram da sala, e os protestos

redobram de violência.

Fugiram! Não têm coragem para

assumir a responsabilidade dos seus

NA CASA DA MOEDA

Maie factos que demonstram as incompetências do «agente técnico», que tem lesado gravemente os interesses morais e materiais do Estado e do pessoal

Demonstrada a incompetência do agente técnico no que respeita a meta-lurgia, vamos também demonstrar a sua incompetência no que se refere à grafia. Para não fatigar os leitores muito sucintamente relatamos alguns factos que, de resto, são suficientes para provar a carência de conhecimentos técnicos de quem o Estado tem à frente do estabelecimento fabril de tal importância, o que se deve à protecção de certo político que se tem distinguido em vários e escandalosos negócios.

Não sendo gráfico, o sr. Gualberto da Cruz, com uma pasmosa impudência, dá ordens e toma inconcebíveis deliberações sobre os serviços da oficina do selo, do que tem resultado máquinas partidas e trabalhos inutilizados, ante o piedoso sorriso dos profissionais entendidos a quem o «engenhoso» chega a meter do.

Na Casa da Moeda, entre outras máximas tipográficas, há minervas «Phocenas» que não podem agüentar uma pressão violenta, sob pena de rebentar qualquer das suas peças. Pois o sr. Cruz pretendia que uma das referidas minervas com 20 anos de trabalho consecutivo e por consequência já muito gastas agüentasse a pressão de uma forma de 180 chichés!

Não obstante os profissionais lhe ponderarem o perigo de tal pretensão, pois a máquina rebentaria, o técnico leu o visto que, em seu luminoso entender, tendo a forma dos chichés uma área de 1.000 centímetros e a máquina uma área de pressão de 2.520 centímetros, a impressão podia muito bem fazer-se! O resultado foi rebentar uma das bielas mas, reparada a máquina, o técnico insistiu e a outra biela e as engrenagens rebentaram também...

Para que não subsistam dúvidas sobre a falta de competência de Gualberto Cruz passamos a referir este caso interessante:

Um técnico gráfico de nacionalidade inglesa visitou as oficinas da Casa da Moeda e, ao ver as minervas a trabalhar com as citadas formas, voltou-se para o sr. Lúcio de Azevedo e observou-lhe que aquelas máquinas não eram para trabalhar com galvano mas sim com tipo, e acentuou:

—Tirol tirol!

POR ESSE MUNDO

NA POLONIA

Um incidente grave
KOVNO, 4. — Um grupo de russos brancos bem armados e equipados em número de 300 atacaram as tropas polacas no distrito de Vilna. Da colisão resultou a morte de 18 soldados polacos tendo ficado 20 gravemente feridos. As perdas dos russos são desconhecidas.

Guerra com a Rússia?

RIGA, 4. — O governo polaco mostra-se muito ansioso por conhecer todos os detalhes dos sucessos de Vilna. Há 5 meses já que as autoridades estão informadas de que muitos comunistas russos tinham passado a fronteira para organizar militarmente a população. O governo polaco ordenou a prisão de todos os indivíduos que se achavam em Vilna de resto os bolcheviques também não respeitaram. A resposta da Polónia foi de desobediência provocando outra nota de Tchitcherine em termos ameaçadores, dizendo que segundo o tratado de Riga os russos têm o direito de exigir que não se exerçam violências sobre os russos brancos, ucranianos e judeus russos que vivem no território polaco. Os sucessos de Vilna de que agora há conhecimento seguiram-se com pouco intervalo à nota de Tchitcherine parecendo que o governo russo está na disposição de provocar a guerra com a Polónia. A Rússia conta agora com o apoio da Lituânia que não reconheceu a decisão da Liga das Nações que manda entregar Vilna aos polacos.

NA ROMENIA

Candidato a ditador

ROMA, 4. — O general Everescu que recentemente esteve em Roma conferenciando com Mussolini, ameaçou o governo de marchar sobre Bucarest à frente de 50.000 agrários. O governo proclamou o estado de sítio ameaçando fuzilar sumariamente todos os rebeldes que forem encontrados com armas.

NA TURQUIA

Desavenças com a Itália?

CONSTANTINOPLE, 4. — A provável rutura da conferência de Mesul coincidindo com a concentração de forças italianas em Rhodes trazem a população turca muito inquieta. O marechal Ferzi Pachá chefe do estado maior partiu apressadamente para Angora tendo havido ali várias conferências e parecendo que há o desejo de convocar rapidamente a assembleia nacional que se encontra actualmente em férias.

Vários jornais admitem já a hipótese duma guerra com a Itália. Este aspecto das questões tem interessado os membros da Sociedade das Nações tendo o governo turco sido interrogado acerca do que há de positivo. No entanto parece tratar-se duma tempestade num copo de água e de mal-entendidos de parte a parte. Os italianos sentiram-se ofendidos por telegramas ofensivos enviados por uma agência da Anatólia e que ainda por cima segundo parece foram mal traduzidos.

Trabalhadores: lêde e propagal o Su-

plemento de A Batalha

—Infeliz insensato! onde estão as provas do que tens a audácia de afirmar?...
—Oh! bem sei... que tu és prudente e hábil, como também paciente; quebras os teus instrumentos depois de te teres servido deles.
—Isso são palavras, replicou Térik com uma tranquilidade glacial; mas as provas onde estão elas?
—As provas, exclamou Vitória, estão nas tuas sacrilégas propostas... Escuta, Térik, esta é a verdade; tu concebeste o projecto de ser imperador hereditário da Gália longo tempo antes da morte de Vitorino; a tua proposta de fazer acalmar meu neto como herdeiro do poder de teu pai, era um laço destinado a iludir-me sobre os teus designios, e um primeiro passo no caminho que tu proseguias...
—Vitória, a paixão alucina-te. Que desastrado ambicioso teria sido eu querendo chegar um dia ao império hereditário... aconselhando-a a que concedesse esse poder à sua raça?...
—O principio era aceite pelo exército: a herança do poder sendo reconhecida no futuro, tu te desbarraçaras logo depois de meu filho e de meu neto, o que todavia praticaste...
—Eul...
—Tudo agora se desmascara aos meus olhos. Essa cigana maldita foi o teu instrumento; ela veio a Mayença para seduzir meu filho e para o induzir pelas suas recusas a um acto infame, preço dos favores dessa infame criatura... Este crime cometido, meu filho devia ser morto por Scanvoh, chamado a Mayença nessa mesma noite, ou morto pelo exército prevenido e sublevado a tempo pelos teus emissários...
—Provas! Vitória! provas...
—Não as tenho..., mas isto é assim! Na mesma noite, tu mandaste matar meu neto nos meus próprios braços: a minha raça ficou extinta...; o teu primeiro passo para o império era assinalado pelo sangue. Tu depois recusaste o poder e propoeste a elevação de Marion... Oh! eu o confesso, a este prodígio de astúcia infernal as minhas suspeitas, um momento des-

—Não as tenho..., mas isto é assim! Na mesma

noite, tu mandaste matar meu neto nos meus próprios

braços: a minha raça ficou extinta...; o teu primeiro

passo para o império era assinalado pelo sangue. Tu

depois recusaste o poder e propoeste a elevação de

Marion... Oh! eu o confesso, a este prodígio de astú-

cia infernal as minhas suspeitas, um momento des-

per-

tuas, se dissiparam... Dois meses depois da sua

aclamação como chefe da Gália... Marion caía de-

baixo do ferro de um assassino, instrumento teu.

—Provas..., replicou Térik impassível, provas...
—Não as tenho, mas isto é assim... Tu ficavas

só, visto ter morrido Vitorino, seu filho e Marion...
Então tornando-me sem o saber cúmplice tua, pedi-

para que tomassem o governo do país... Tu triunfa-

vas, mas não de todo... governavas, mas, já o dis-

seste, não eras senão o meu primeiro vassallo...; o

vassallo da mãe dos acampamentos; oh! agora percebo,

o meu poder constrengue-te! mas o exército e a Gália

aceitaram-te por seu chefe apresentado por mim; não

te escolheram... Com uma palavra posso esmagar-te

assim como te levei... Cego pela ambição, tu jul-

gaste o meu coração pelo teu; julgaste-me capaz de

querer trocar a minha influência no exército pela coroa

de imperatriz, e de te entronisares por semelhante

preço a ti e à tua raça... Concluíste com o papa e com

os bispos um pacto tenebroso na esperança de embur-

tecer e de subugar um dia este altivo povo gaules,

que, livre, escolhe livremente os seus chefes, e perma-

nece fiel à religião de seus pais. Ele que despeda-

çou há séculos pelas mãos sagradas de Riith-Gaur o

jugo dos reis... querias tu novamente impôr-lhe esse

jugo detestado, aliando-te com a nova Igreja... Pois

bem, eu, Vitória, a mãe dos acampamentos, digo-te

isto a ti, Térik, chefe da Gália: Em face do povo e do

exército acuso-te de queres subugar a Gália!

acuso-te de teres renegado a crença de teus pais!

acuso-te de teres contratado uma secreta aliança com

os bispos! acuso-te de queres usurpar a coroa imper-

perial para ti e para a tua raça... Sim, disto tudo,

Térik, eu te acuso, e acuso-te-ei na presença do povo

e do exército, declarando-te traidor, renegado, assass-

sino e usurpador... Vou pedir imediatamente para

que sejas julgado pelo senado, e punido de morte pe-

los teus crimes se fôres reconhecido culpado!...

A pesar da veemência das acusações da minha

colaca, Térik tornou a sua tranquilidade habitual, da

qual saíra um momento antes para me ameaçar, e

respondeu:

—Vitória, eu julguei proveitoso à Gália o projecto

que lhe submeti...; não cuidemos mais nisso...
Acusa-me, estou pronto para responder na presença do

senado e do exército... Se a minha morte, pronun-

ciada pelos meus juizes, a instigação tua, pode ser

útil ao país, não lhe disputarei de certo a ele os pou-

cos dias que me restam a viver. Fico em Trèves, onde

esperarei a decisão do senado... Adeus, Vitória...
o futuro provará qual de nós amava a Gália com um

amor esclarecido... Outra vez adeus, Vitória...
E deu um passo para a porta; ali cheguei antes

dêle, e estorvando-lhe a passagem, exclamei:

—Tu não sairás! tu queres fugir ao castigo devido

aos teus crimes...
Térik mediu-me desde os bicos dos pés até à ca-

beça com uma altivez glacial, e disse voltando-se para

Vitória:

—Pois qué! em sua casa, violência contra um ve-

lho... contra um parente que veio aqui sem descon-

fiança...
—Respirei o que é sagrado em todos os países, a

hospitalidade, respondeste a mãe dos acampamentos.

O senhor veio aqui livremente, saíra, pois, livremente.

—Minha irmã! exclamei eu, tome cuidado! a sua

confiança já lhe foi funesta...
Vitória com um gesto interrompeu-me, reflectiu, e

disse com amargura:

—Tens razão..., a minha confiança já foi funesta

ao país; ela me pesa como um remorso..., não receio

coisa alguma desta vez...
E bateu fortemente numa campainha... Quasi

logo apareceu Mora. Depois de algumas palavras que

sua ama lhe disse ao ouvido, a criada retirou-se.

—Térik, replicou Vitória, eu mandei procurar o

capitão Paulo e muitos outros oficiais: eles virão bus-

cá-lo aqui; acompanhá-lo-hão à sua residência... e o

senhor não sairá dali até que compareça na presença

dos seus juizes...

—Dos meus juizes?...
—O exército nomeará um tribunal...; esse tribu-

nal julgá-lo-há, Térik...
—Eu também sou justicável do senado.

—Se o tribunal militar o condenar, será enviado à

presença do senado... Se o tribunal militar o absol-

ver, ficará livre; só a vingança divina o poderá ful-

minar...
Mora entrou para anunciar a execução das ordens

recebidas com relação ao capitão Paulo. Recorde-me

mais tarde, mas aí de mim! muito tarde, que Mora

disse algumas palavras em voz baixa a Térik, que

estava assentado junto da porta.

—Scanvoh, disse-me Vitória, ouviste a minha

conversação com Térik?... recordas-te dela?

—Perfeitamente...
—Tu vais imediatamente transcrevê-la com toda a

fidelidade.
Depois, voltando-se para o chefe da Gália, acres-

centou:

—Será o seu acto de acusação; lêr-se-há na pre-

sença do tribunal militar, e depois êle decidirá da sua

sorte.
—Vitória, replicou friamente Térik, escute os

conselhos de um velho, em outro tempo, e mesmo

agora, o seu melhor amigo. Acusar um homem é fá-

cil, provar o seu crime é difícil...
—Calá-te, detestável hipócrita exclamou a mãe

dos acampamentos com arrebatamento, não me faças

encolerisar... Não sei o que me contém que não te

entregue imediatamente à brutal justiça dos solda-

dos.
Depois, pondo as mãos:

—Hesus, dá-me força para ser equitativa até me-

mo para com este homem... Aplaca em mim, ó He-

sus! estes excessos de cólera que perturbariam o meu

juulgamento.
Mora, tendo ouvido algum ruído fora da porta,

abriu-a e voltou a dizer a sua ama:

—Dizem que chegou o capitão Paulo.

TEATROS & CINEMAS

Cova da Piedade

Exploração industrial — Fa-
canhas da «briosa» — O
pão da Moagem

COVA DA PIEDADE, 3.—Consta existirem nesta localidade mestres de obras que não pagam a seus operários, as devidas tabelas formuladas pelo Sindicato da Construção Civil.

Se assim é—e a pessoa que nos informou merece-nos todo o crédito—são dignos das maiores censuras os tais mestres de obras, pois isso representa nem mais nem menos do que uma exploração.

As tabelas do sindicato são: Carpinteiros, 22800; pedreiros, 20500 e serventes, 18500; ao passo que os tais mestres pagam aos serventes a bagatela de 12500. Estes mestres de obras noutros tempos, eram contra a exploração e agora fazem o mesmo ou pior do que aqueles que censuravam mas, os operários, também merecem censuras, por se deixarem explorar.

—Nesta localidade, a briosa também tem feito das suas.

Espancam bárbaramente todas as criaturas que não a infelicidade de lhe cair nas garras, sem que exista alguém que a faça meter na ordem.

Destacam-se dentre estas personagens, os célebres cabos e praças 611, 151, 102, 113, e o 32, e os tais Alcobia, e Coradinho.

Estes dizem que não de meter toda esta gente na ordem, especialmente os que se manifestarem a favor de greves, etc., etc.

—Por aqui também o povo tem sido bem martirizado e envenenado por parte dos moageiros, que lhe têm impingido farinha extraída de toda a qualidade de poeira, dando o resultado de muitas vezes o pão ser intragável; isto além de cada quilo custar a bagatela de 2500 e 2540.

O povo desta localidade divorcia-se destes assuntos por completo; não protesta, não reclama, não grilo unânime aquilo a que tem direito, fazendo encolher as garras a todos aqueles que nos oprimem, roubam e vexam dentro da lei.

Coliseu dos Recreios

O orfeão académico de Coimbra

Enchente colossal. O Coliseu apresentava um aspecto frenético; multidão compacta que estremecia de ansiedade ao pôr daquela atmosfera sufocante, apartes inoportunos de alguns representantes da frequência dos exercícios atléticos.

A raça portuguesa idealista, que chora ouvindo cantar o fado e ri no auge das tragédias quando a contorção dum desespero, lhe parece força, foi no Coliseu para ouvir o Orfeão Académico de Coimbra, porque via no estudante das noites lustradas do decanato de que o Mondego é testemunha. E o poder invencível do Fado, duma atracção tão grande que neste momento em que na Luz Atenas académicos e operários se degladiam à pedrada e a tiro, nas ruas, esquecem-se no Coliseu os ressentimentos e uma grande parte da assistência constituida por trabalhadores ovaciona as capas negras.

António Joyce ressurgiu do seu marasma de inatividade orfeônica e apareceu de novo a disciplina a sua centena de jovens das escolas, trazidos das suas terras pelo desejo da situação, e quantos ascenderam às cadeiras do Poder, a mandar em tempo oportuno acutillar a nova camada de estudantes que são em geral de pouca qualificação para obedecerem a ordens polícias!

De principio não se logo a superioridade do naipe vocal dos barítonos, depois o dos baixos e por último os tenores de menos importância na porção de som produzido pela totalidade do grupo.

Provou-se bem no cântico Rataplan dos Huguenotes.

O momento de maior interesse é preenchido pelos solistas em que António Menano continua a prevalecer. E notável o adalgamento de que sabe usar na sua voz de timbre enorme, quando a faz subir nos agudos. António Menano diz também com muito relevo as frases, faz-se entender e comover.

Ha na vasta sala estrépticos aplau-

sos que não param. A variação do cântico dos dois solistas Henrique de Mendonça e Varela Cid, um no violoncello e outro no piano, executam trechos do seu escolhido repertório, ambos distintamente, embora o último tivesse a prejuizcá-lo um detestável piano que nem sequer estava afinado.

O espectáculo acabou tarde, como tarde acabou o das ruas da Baixa em que eram protagonistas os partidários de uma das duas disciplinas: A quem Amadora ou Alem-Amadora, visto que uma termina onde a outra começa.

Nogueira de BRITO

CARTAZ

S. CARLOS.—Não há espectáculo. S. LUIS.—Não há espectáculo. APOLO.—A 21.—C. misério de policia. EDEN THEATRO.—A 21, 45.—Fruto Proibido.

AVENIDA.—A 21, 30.—O Amigo de Peniche. MARIA VITORIA.—Não há espectáculo. COLISEU DOS RECREIOS.—A 21, 15.—Orfeão Académico.

GIL VICENTE.—A 21.—Dois Sargentos. OLIMPIA.—A 20, 30.—Animatógrafo. SALAO FOZ.—A 14, 30 e 20, 30.—Varietas.

CHIAO TERRASSE.—A 14, 30 e 20, 30.—Animatógrafo. CONDES (Avenida).—Animatógrafo. CENTRAL (Avenida).—Animatógrafo. CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges).—Animatógrafo.

IDEAL (Loretto).—Animatógrafo. ROSSIO (Avenida).—Animatógrafo. CHATEAU (Praça dos Restauradores).—Festas de jazz-band.

AVENIDA PARQUE.—(Antigo Parque Mayer)—Recreios e diversões. Concursos de jazz-band.

CINE ESPERANCA.—Animatógrafo. PROMOTORA (Largo do Calvário).—Animatógrafo. EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo).—Animatógrafo.

O Comissário de Polícia

É hoje que no Apolo sobe a scena esta hilarante comédia, original do inolvidável escritor Gervásio Lobato. Os principais papéis estão a cargo das artistas Maria Matos, Alegria e Arthur Rodrigues.

Festas artísticas

Vai ser do maior entusiasmo a recita de amanhã, em São Carlos, na noite da festa do actor Erico Braga. O espectáculo é esplêndido e atraente, constando da representação da famosa peça de Henri Bernstein, «Après Moi...» traduzida por Horta e Costa e Mouton Osório, sob o título «Depois de mim...»

A distribuição da peça «Depois de mim...» é a seguinte:

«Guilherme Bourgade», Erico Braga. «James», Salvador Costa; «Etenes», Seixas Pereira; «Carlos Hottel», Mario Santos; «Marquez de Ricardo», Augusto Conde; «Irene Bourgade», Lucília Simões; «Madame (Duquesa de Miry)», Maria Corte Real; «Henriqueta Martins» (Flaurion), Ofélia Brochado; «Um criado», Amílcar de Oliveira.

Para a recita estão tomados já muitos lugares.

Noticias

A inauguração da época de verão no «Politeama», sob a direcção de Augusto Pina, effectua-se no dia 11 do corrente com a peça «Guerra em tempo de paz».

—Está marcado para terça-feira, 10 do corrente, a reabertura do teatro Maria Vitória do Avenida Parque. A peça a ser lida para a inauguração da época é a revista «Rez-Vez», de Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães.

—Vai, pela certa, causar o maior alvoroço em Lisboa, o sensacional número intitulado «Anagilise» e que reproduz, por meio de projecções, várias figuras animadas de personalidades, em evidência, e de animais; exhibir-se-á no teatro S. Luis, acompanhando a revista «Vida Nova», que está ali em ensaios.

Reclames

É definitivamente no próximo sábado que se effectua no «Avenida» a festa artística da distinta actriz Jesuina de Chabi com a reprise em representação única da comédia de Molière «O médico à força».

—Realiza-se hoje no teatro «Gil Vicente» (à Graça) a recita de Almeida Bomba, secretário da empresa, com a peça de grande espectáculo «Os dois sargentos».

—Porque se exgotou a lotação nos

Lisboa na rua

Atropelamentos

Na sala de observações deu entrada, em estado grave, uma mulher pobremente vestida, cuja identidade se ignora, e que aparenta ter 40 anos, a qual foi atropelada por um automóvel na Calçada da Pampulha, ficando muito ferida na cabeça e rosto.

—Na enfermaria de Sousa Martins do hospital

